

O ESTUDO DA FILOSOFIA MEDIEVAL

The Study of Medieval Philosophy

Manoel Vasconcellos¹

Resumo: Estudar filosofia medieval é dedicar-se a um esforço de compreensão de um pensamento que, não raras vezes, é chamado a justificar-se, uma vez que, para muitos, por ignorância ou preconceito, a reflexão filosófica do medievo parece carecer de consistência e originalidade. Neste breve artigo, num primeiro momento, são apresentadas algumas reflexões em torno do estudo da filosofia medieval; a seguir, relata-se a experiência levada a cabo pelo Grupo de Estudos sobre a Filosofia Medieval da Universidade Federal de Pelotas.

Palavras-chave: Filosofia Medieval; Grupo de Estudos; Medievo.

Abstract: The study of medieval philosophy implies an effort to understand a thought that is often challenged to justify itself, insofar as for many, because of ignorance or prejudice, the philosophical reflection of the Middle Ages seems to lack consistency and originality. Initially, this short article presents some reflections on the study of medieval philosophy; following, the experience of the Study Group on Medieval Philosophy of the Federal University of Pelotas is reported.

Keywords: Medieval Philosophy; Group of Studies; Middle Ages.

O estudo da Filosofia é exigente; aquele que o faz assume o desafio de perscrutar, atenciosa e profundamente os problemas que, ao longo dos séculos, foram suscitados pela reflexão filosófica. No que concerne ao estudo da Filosofia Medieval, a este desafio preliminar, assoma-se outro: defrontar-se com uma reflexão que, não raras vezes, é solicitada a justificar-se. Vez por outra, aqui ou lá, diz-se que a Idade Média não teria produzido uma autêntica Filosofia. Ignora-se, por desconhecimento ou preconceito, que a Idade Média "não é uma época menor na História da Filosofia"².

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: manoel.vasconcellos@ufpel.edu.br

² "A idade média não é uma época menor da história da Filosofia. Para o reconhecermos, basta recordar algumas das grandes obras estruturantes do pensamento ocidental, entre as quais algumas medievais. Por exemplo: tanto A República, de Platão, quanto A Cidade de Deus, de Agostinho, nunca deixaram de constituir referências para a Filosofia política e a Filosofia da história; A Metafísica, de Aristóteles, tornou-se uma referência clássica do pensamento metafísico, e a Suma Teológica, de Tomás de Aquino, tornou-se uma enciclopédia filosófica de incontornável referência na posteridade; por sua vez, A Divina Comédia, de Dante, para além de ser um retrato de época e uma síntese das culturas antigas e medieval, não deixa de ser uma obra de referência do pensamento ocidental para a meditação sobre o destino do homem. Deste modo, não só é plausível considerar legados marcantes, obras antigas a par de obras

Durante muito tempo prevaleceu a ideia de que este extenso e complexo período da história da humanidade não trouxe nenhum aporte significativo à história do pensamento: a longa noite de mil anos apenas repetiu, com pouca ou nenhuma criatividade, questões tratadas pela antiguidade clássica, adaptando-as acriticamente, de modo mais ou menos tendencioso, à religião cristã³. Tal percepção bastante pejorativa sobre o medievo encontrou forte respaldo no Iluminismo que pretendia fazer incidir a luz da razão moderna sobre as trevas medievais.

No final do século XIX e, sobretudo, no início do século XX, houve todo um movimento, surgido no seio da Igreja, que visava uma retomada dos estudos de Filosofia Medieval, centrados, sobretudo, em Tomás de Aquino. O Papa Leão XIII publicou, em 1879, a encíclica *Aeterni Patris* que procurava responder às dificuldades, enfrentadas pela Igreja em dialogar com o mundo moderno e sua confiança na razão e, por conseguinte, na ciência. A carta papal, incitando a retomada dos estudos de Tomás de Aquino, pretendia chamar a atenção para a necessidade de se adotar um pensamento que fosse capaz de harmonizar a razão natural com os dados da fé. Embora tal iniciativa tenha tido o mérito de fazer surgir grandes centros de estudos acerca da Filosofia Medieval, sobretudo, na Itália e na Bélgica, parece-nos que, nem sempre conseguiu colaborar efetivamente para isentar a Filosofia da Idade Média da carga pejorativa que carregava.

À medida, porém, que o Medievo começou a ser estudado de modo mais rigoroso e isento de preconceitos - processo que teve início com o Romantismo - uma nova visão mais real do período foi se formando. Estudos rigorosos procuraram ir às fontes mesmas do pensamento medieval, constatando que a Idade Média não é nem a "idade das trevas", nem, - no extremo oposto - a "época áurea da cristandade", mas um período histórico como os outros, com suas virtudes e vicissitudes.

Uma tal compreensão mais científica e menos ideológica da Idade Média parece ainda encontrar algumas resistências entre nós. Mesmo em ambiente acadêmico, não é, de todo, incomum a identificação daquilo que é designado como *medieval* com algo

medievais, como é incontornável a presença da Idade Média em obras proeminentes da posteridade". Maria Leonor Xavier. **Questões de Filosofia na Idade Média**. Lisboa: Edições Colibri, 2007, p. 15.

³ "Por muitos anos pensou-se mesmo que a Filosofia Moderna surgiu quase que de si mesma, sem dever nada aos séculos que a precederam. Só há poucos anos os estudiosos dedicaram-se a um estudo histórico-genético, a fins de descobrir quanto e por quais caminhos o pensamento moderno é devedor do pensamento medieval. Tais considerações são, porém, recentes. Durante cerca de 400 anos, acreditou-se que a Idade Média era um estágio definitivamente superado da história da humanidade". Luís De Boni. "Estudar Filosofia Medieval". In: **Filosofia Medieval - Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, pp. 10-11.

retrógrado, ultrapassado ou, de alguma forma, negativo. Não deixa de ser estranho que tal percepção ainda se faça presente, sobretudo em meios intelectuais, pois parece bem difícil entender que haja uma linearidade, toda ela negativa, em um período histórico tão vasto⁴. Num tal contexto, o trabalho com a Filosofia Medieval assume certo desafio: precisamente aquele de mostrar que é possível estudar, em bases estritamente filosóficas, o pensamento produzido no medievo, pensamento este que, mesmo ao tratar, como muitas vezes o faz, de temas mais propriamente afeitos à Teologia, soube fazê-lo utilizando categorias filosóficas profundas e rigorosas.

Mas, o que esperar do estudo da Filosofia Medieval? Mesmo para aquele que dedica-se a um tal estudo de forma mais rigorosa e menos preconceituosa, qual o sentido de um tal estudo? Parece-nos que há dois modos de aproximar-se das contribuições filosóficas do medievo: o primeiro poderia ser designado de um estudo a partir de uma *perspectiva histórica* e, outro, que poderia ser identificado como o *diálogo com a Filosofia posterior, sobretudo, contemporânea*. Entendemos que ambos são bastante importantes, mesmo se, para muitos, a perspectiva histórica parece menos interessante do ponto de vista filosófico.

A perspectiva histórica faz mergulhar nas obras do medievo, buscando compreendê-las em sua amplitude e verticalidade. O desafio é enfrentar o texto com rigor, procurando extrair seu sentido mais profundo. Nesse sentido, o contexto histórico não é desconsiderado, ainda que não seja percebido como absolutamente decisivo para a compreensão dos textos. O que se tem em vista é a escuta atenta do autor, a fim de perceber as movimentações internas de sua obra. O estudo tem em vista identificar um problema filosófico e os encaminhamentos de sua resolução por um determinado autor, num determinado texto.

O diálogo com a filosofia moderna, sobretudo a filosofia contemporânea, por seu turno não descarta de todo do que foi dito antes, mas a perspectiva que envolve o estudo é outra: o que está em questão é perceber e compreender um problema filosófico, a fim de ver o modo como ele ressoa na reflexão filosófica posterior. No caso da filosofia medieval, implica em encontrar o que poderíamos chamar, por exemplo, de as raízes

⁴ "A primeira consideração que se tem a fazer a respeito é que não se pode elaborar um juízo único, negativo ou positivo, sobre uma época histórica com a duração de um milênio (do século V ao século XIV). Nenhum estudioso minimamente atualizado pode afirmar que os mil anos da Idade Média foram privados de toda e qualquer evolução, verificando-se neles a manutenção, imutável e homogênea, de um mesmo nível de vida e de civilização". Alessandro Guisalberti. **As Raízes Medievais do Pensamento Moderno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 11.

medievais do pensamento moderno⁵, ou ainda, de encontrar na Idade Média, fundamentos para as respostas que hodiernamente a Filosofia oferece a determinados problemas. O desafio aqui não é negar o contexto histórico, mas ir bem além dele. De alguma forma, a filosofia medieval, em tal perspectiva, é atualizada, pois se toma um problema e investiga-se sua historicidade e fecundidade filosófica.

Qualquer que seja a perspectiva, o interessante, no que toca ao medievo, é ter a capacidade de perceber e perscrutar o problema filosófico que encontra-se imerso no horizonte da temática teológica⁶. Quando não se quer ou não se consegue antever o modo filosófico de tratar um problema que, na sua origem é teológico, torna-se extremamente difícil conseguir admitir e compreender a Filosofia construída na idade média.

Tendo em vista estas considerações, passemos ao breve relato de uma experiência modesta, mas importante, de estudo da Filosofia da idade média. No curso de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, desde sua fundação, ocorrida em 1984⁷, a disciplina História da Filosofia Medieval esteve presente. Num primeiro momento duas cadeiras eram oferecidas: *História da Filosofia Medieval I* e *História da Filosofia Medieval II*. Vários professores foram responsáveis pelo seu ensino, inclusive, o saudoso Presbítero Cláudio Neutzling que, com erudição e vasta cultura filosófica e teológica, muito contribuiu para a formação daqueles tantos que tiveram o privilégio de ser seus alunos. No início da década de 1990, no bojo de uma ampla reforma curricular, a História da Filosofia Medieval passou a ser lecionada em apenas um semestre; em compensação, foi criada outra cadeira: *Seminário de História da Filosofia Medieval*. Além disso, no amplo leque de disciplinas optativas que passaram a ser oferecidas, muitas vezes foram ofertados cursos cuja temática estava direta ou indiretamente relacionada à filosofia medieval. Na nova estrutura, coube à *História da Filosofia Medieval* fornecer um amplo leque de conteúdos, de modo que os alunos pudessem

⁵ Guisalberti aponta duas grandes áreas em que melhor se podem perceber as raízes medievais do pensamento moderno: "primeiramente, a afirmação da transcendência, necessária para explicar a razão da história e da experiência, e da afirmação da imortalidade, como aspiração inevitável da natureza humana; em segundo lugar, a convicção da inteligibilidade do mundo e da possibilidade de o homem elaborar um conhecimento rigoroso: a 'ciência'". Alessandro Guisalberti. **As Raízes Medievais do Pensamento Moderno**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 17.

⁶ "A despeito desse esforço para abordarmos com maior precisão o concreto, devemos confessar que toda a história da Filosofia na idade média pressupõe abstrair esta Filosofia do meio teológico em que nasceu e de que não a podemos separar sem violentar a realidade histórica. Ver-se-á que não admitimos nenhuma linha de demarcação rigorosa entre a história da Filosofia e a história da teologia". E. Gilson. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. XII.

⁷ O curso de Filosofia da UFPel foi autorizado em 24 de agosto de 1984, passando a funcionar, efetivamente, com o ingresso da primeira turma de alunos, no início de 1985.

adquirir uma boa compreensão dos mais significativos autores e problemas do período. Quanto ao *Seminário de História da Filosofia Medieval*, este deveria proporcionar um estudo mais vertical, procurando aprofundar um autor, obra ou problema.

Foi com o intuito de ir além do que se estudava nas disciplinas de *História da Filosofia Medieval* e *Seminário de História da Filosofia Medieval* que surgiu, no ano de 2003, junto ao curso de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, um projeto de extensão universitária intitulado *Grupo de Estudos sobre Filosofia Medieval*. Naquela época, o Departamento de Filosofia da UFPel contava apenas com um pesquisador dedicado, especificamente, a esta área de estudos; este, tendo voltado do seu doutoramento, coordenou o projeto. A intenção do grupo de estudos não era apenas possibilitar aos alunos de graduação ou pós-graduação, a possibilidade de aprofundamento em determinados temas, problemas ou autores medievais. Tratava-se, como foi dito, de um projeto de extensão universitária e, como tal, o grupo deveria ter em conta e, de fato sempre teve, algumas peculiaridades: não era uma atividade dedicada exclusivamente aos alunos do curso de Filosofia. Alunos de outros cursos da Universidade poderiam participar e, mais ainda, as atividades estavam à disposição da comunidade em geral, mesmo fora do âmbito universitário.

De fato, desde os primeiros tempos, a comunidade externa se fez presente. É claro que sempre o maior número de componentes foi de alunos e ex-alunos da Filosofia (licenciatura, bacharelado, mestrado), mas sempre houve no grupo a presença de estudantes de outros cursos da UFPel, particularmente oriundos das ciências humanas; também estiveram presentes estudantes da Universidade Católica de Pelotas e, mesmo pessoas sem nenhum vínculo com a academia.

O fato de o grupo ser uma atividade de extensão implicava em mais uma peculiaridade: o seu caráter de divulgação do pensamento medieval. Dissemos antes que o grupo de estudos queria proporcionar um aprofundamento dos estudos, para além das disciplinas formais. Esta foi sempre uma preocupação importante, mas não foi a única, nem talvez a mais relevante. Desde a primeira hora, o grupo de estudos quis ser um espaço que proporcionasse um maior conhecimento das questões fundamentais do pensamento filosófico medieval. Este maior conhecimento não implicava, necessariamente, que todos os componentes analisassem as questões na mesma medida exigida pelo rigor da pesquisa filosófica. Um maior engajamento, por parte de alguns, seria uma consequência, mas não o objetivo precípua do grupo.

Certa vez, foi dito que o Grupo de Estudos de Filosofia Medieval não formava pesquisadores. Certamente esta não era a preocupação primeira, mesmo assim este espaço de exposições, leituras e debates, restrito a dezesseis encontros anuais de uma hora de duração, foi um importante ponto de partida para que pesquisas em torno da filosofia medieval fossem realizadas. Lembro de, ao menos, dez mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Moral e Política da UFPel que passaram pelo grupo de estudos; no momento, ao menos três deles levam adiante suas pesquisas de doutoramento. Para que o grupo não perdesse sua característica de abertura à comunidade, sendo um importante espaço de divulgação é que surgiu, mais adiante, um grupo específico dedicado à pesquisa em filosofia medieval; este sim, congregando pesquisadores da UFPel e de outras instituições universitárias, visava a produção de trabalhos acadêmicos: artigos, obras, traduções, promoção de eventos científicos, etc.

Com o passar do tempo, o Departamento de Filosofia pôde contar com a presença de mais dois professores diretamente envolvidos com a filosofia medieval; em pouco tempo, em vez de um grupo de pesquisa, tivemos três grupos: o primeiro deles, de caráter mais abrangente, investigando a "Filosofia Medieval", outros dois, com temáticas mais específicas, em torno da "Filosofia Política Medieval" e "tradução de textos filosóficos latinos". Mesmo com os três grupos de pesquisa, liderados por três distintos professores, o Grupo de Estudos sobre Filosofia Medieval manteve-se como um espaço muito especial de reflexão em torno de questões filosóficas relevantes do medievo: fé e razão, as relações entre poder temporal e espiritual, o problema dos universais, questões metafísicas, provas da existência de Deus, ética e virtude, são alguns dos muitos temas em torno dos quais, ao longo dos últimos dez anos, professores e alunos refletiram, sempre tomando como fundamento para as discussões, as significativas obras de filósofos do medievo. O surgimento dos grupos de pesquisa não levou ao menosprezo das atividades mais amplas do grupo de estudos; muito pelo contrário: o que, efetivamente ocorreu, foi que o grupo de estudos acabou por ser um espaço que congregava grande parte dos componentes dos três grupos de pesquisa, a começar pelos respectivos coordenadores.

Com três professores atuando em diferentes pesquisas e, integrados harmoniosamente em projetos comuns de extensão, sobretudo, o grupo de estudos, mas também envolvidos com a promoção de eventos, tais como os colóquios de filosofia medieval - já foram realizados cinco deles, desde 2003 -, com a publicação de livros, traduções etc., sempre ajudados por um grupo valoroso de alunos da graduação e,

sobretudo, mestrandos, percebeu-se a necessidade de integrar, sem fazer perder nada das suas peculiaridades, as diversas atividades. Desse modo, foi criado em 2012 o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Medieval da Universidade Federal de Pelotas⁸. O Núcleo congrega todas as várias promoções, sejam elas ligadas ao ensino, à pesquisa ou extensão. No entanto, sempre foi reconhecido, por todos aqueles que envolveram-se em tantas atividades realizadas, a grande importância do Grupo de Estudos sobre Filosofia Medieval. Sobretudo nos últimos anos, muitas são as realizações, mas há a consciência de que todo o trabalho começou com o grupo de estudos e não está, nem poderia ser diferente, dissociado dele.

É sempre com renovada satisfação que temos visto, nos últimos dez anos, sobretudo no início das atividades de cada ano, um significativo número de pessoas, a maioria constituída por jovens estudantes, procurar o grupo de estudos. Nem todos continuam acompanhando os trabalhos; é certo que alguns buscam apenas a legítima oportunidade de realizar uma atividade extracurricular que possa ser acrescentada ao histórico escolar; outros frequentam o grupo movidos pela curiosidade; outros ainda, envoltos no entusiasmo dos primeiros passos, ainda incertos, na vida acadêmica. Todos eles, no entanto, têm a oportunidade de conhecer melhor o rigoroso trabalho filosófico desenvolvido na idade média.

Retornemos, no entanto, à questão do escopo do estudo do pensamento medieval. A intenção do grupo não é apologética, nem pretende desvalorizar qualquer outra perspectiva ou período da História da Filosofia. Seria, aliás, bastante estranho agir preconceituosamente, no âmbito acadêmico, quando se é, também, objeto de preconceitos e reducionismos. O que move e sustenta a promoção do grupo é a convicção de que a filosofia medieval foi capaz de oferecer uma efetiva contribuição ao pensamento filosófico⁹; mais ainda: acreditamos que a reflexão filosófica do medievo continua suscitando discussões e pode ser um instrumento útil para todo aquele que põe-

⁸ As atividades do Núcleo podem ser acompanhadas no seguinte link:

<http://www.filosofiamedievalufpel.com.br/site/default.asp>

⁹ "Antes de mais nada é falso que a idade média possa ser definida simplesmente como uma época de absorção e assimilação intelectual, cujo esforço teria tendido inteiramente a redescobrir o capital acumulado pela Antiguidade. Por certo, e os fatos não cessam de lembrá-lo, não se pode compreender e sequer se poderia conceber a Filosofia medieval sem a Filosofia grega. Aristóteles, Platão e os neoplatônicos foram os educadores e reeducadores do pensamento humano; cada descoberta de uma de suas obras e cada tradução que delas foi feita equivale, para os homens da Idade Média, à descoberta de um mundo novo. A Filosofia medieval supõe, pois, antes de mais nada, a assimilação prévia da Filosofia grega, mas foi outra coisa e muito mais do que isso". E. Gilson. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 939.

se a caminho nas veredas, nem sempre límpidas e verdejantes, do pensamento filosófico.

Referências Bibliográficas:

DE BONI, Luís. "Estudar Filosofia Medieval". In: **Filosofia Medieval - Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

GILSON, E. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GUISALBERTI, Alessandro. **As Raízes Medievais do Pensamento Moderno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

XAVIER, Maria Leonor. **Questões de Filosofia na Idade Média**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.